



CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

Requeremos à Mesa Diretora, ouvido o Plenário e cumpridas as formalidades regimentais, que seja transcrito, nos Anais desta Casa Legislativa, o artigo intitulado “Joaquim Francisco por Nestor Accioly”, de autoria do Professor Nestor Accioly, publicado em suas redes sociais no dia 20 de outubro de 2021:

JOAQUIM FRANCISCO POR NESTOR ACCIOLY

Por Nestor Accioly

“Joaquim, faz tempo que você não me telefona. Deve estar viajando, pensei. A justificativa não foi boa: mesmo estando em outros lugares, sempre conversávamos. Liguei várias vezes, até saber que você não podia receber ligações - estava proibido. Assim, amigo, fiquei lembrando: Tocava o telefone, após o meu “alô”, ouvia eu: - “Nestor Accioly Cavalcanti” - e a conversa se desenrolava, como uma cobra após o bote. Quando a situação se invertia, dizia eu: - “Joaquim Francisco Cavalcanti Accioly”. Ah! amigo, tornamo-nos irmãos, os nossos cumprimentos telefônicos revelavam a nossa fraternidade escolhida. Uma amizade pode começar pelos olhos. As pessoas se conhecem, trocam palavras, travam conversas. À Kierkegaard, a amizade conversa com as almas. Ela deve ser vista, identificada, testada, amalgamada, escolhida. Fizemo-nos irmãos, porque quisemos, por escolha. A irmandade biológica não é completa. Irmãos de sangue nem sempre são irmãos do coração: o sangue que passa pelas veias não é o mesmo das artérias. A fraternidade biológica pode tornar-se impura, incompleta, capenga, claudicante. Costumo dizer que, se meus irmãos não fossem irmãos meus, eu gostaria que fossem. Tenho dois irmãos biológicos; tenho alguns, não muitos, irmãos escolhidos. Você é um deles.

Lembro-me de que, durante uma andante-conversa, alguém perguntou: - E aí, Joaquim, já decidiu se vai candidatar-se? - Ainda não. Preciso conversar com Joaquim - respondeu você. - Quem é esse Joaquim? - Sou eu - você afirmou. No dia seguinte, ouvia-se uma fofoca jaqueirense: - “Joaquim endoidou - disse que precisava conversar com ele mesmo.” Mais um mote para a nossa cantoria: a entrada do santuário de Delfos, via Sócrates, recomendava o “conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os





CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

deuses”; Villa Lobos falava de um ouvido interior. Como decidir, sem acatar a própria decisão? Muitos opinaram, inclusive eu, mas “quem está na garupa não segura a rédea. ”Ao montar, o cavaleiro está quase pronto, quase. É preciso ouvir-se, escutar-se, auscultar-se. Você seguia a orientação bíblica: “Quem põe a mão no arado e olha para trás, não é digno do Reino dos Céus”. Você era assim: interrogava e interrogava-se para fundamentar a afirmação.

Disseram-me que você havia morrido. O tempo composto, no seu aspecto verbal, ou o tempo tríduo, à Gilberto Freyre, induz-nos à reflexão. O tempo cronológico é detentor de limites, os tempos social e pessoal são ilimitados. Muitos se extinguem nos tempos, outros perdem parte deles, mas alguns, só materialmente, perdem um terço do ter existido. Morrer não é estar morto, este é depois. Está-se morrendo, ao se estar vivendo. Viver e morrer são caminhadas. A antítese da morte é a vida, e ela, a vida, procura representar-se bem com a sua antagonista. Morrer é fluidez, é tempo corrido, é passagem, é mudança. Morrer é um paralelo do viver, embora com fins contrários: o avanço do viver implica o crescer do morrer. Fala-se, é claro, nos seguidos passos da existência. “Viver faz mal à saúde” – disse-me você que seu pai muito repetia essa frase. “Desde o instante em que se nasce Já se começa a morrer”, bem disse Cassiano Ricardo.

Todos morremos a cada dia. O morrer anda conosco; a morte, não. Você, amigo Joaquim, não morreu. O tempo não é simples, ele traz uma ação que se prolonga. A morte, aparentemente, é estanque, inamovível, final. O morrer, como processo, acompanha a vida de todos, dificultando, em alguns momentos, o caminhar mais célere. A morte e o morrer não devem ser cultuados. Morrer convive com viver; morrer é vivo, existe, é o complemento do passo. Não se deve esperar a morte, porque ela chegará e interromperá o ciclo da existência. A morte não tem vida nela mesma, mas há vida na morte. “Morte, onde está a tua vitória?”, rejubilava o apóstolo Paulo.

Você sempre conviveu com a vida, conseguiu trazê-la para nós, seus amigos, da forma mais bela e mais brilhante. É difícil conviver com a ausência da sua vida física, porque você vive nos poemas que recitávamos, bebendo a essência poética, nas reflexões filosóficas, nas piadas inteligentes, no cotidiano urbano e agreste, na literatura de cordel, nos “desafios” da memória, nas receitas medicamentosas, nas conversas de





CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

política, com letra maiúscula. Não faltava assunto, sempre trazíamos “terra para o pé da cana”.

Faz tempo, amigo Joaquim, que não vou à Jaqueira. Você sabe disso. Não consigo andar com máscara, e a pandemia nos obrigou a muitas mudanças de comportamento. Os sentidos têm aprimorado a comunicação. Falava-se com a boca, com os olhos, com os gestos, com o corpo. A comunicação atual também fala com a ponta dos dedos. Disse-me você, certa vez, que o zap era uma comunicação periférica, melhor era ouvir a voz. Não nos vimos com máscaras (vale o duplo sentido), mantenho o desenho do seu rosto na minha tela. Razão e emoção guiavam as nossas conversas – o homem é isso, o homem é tudo isso. Andávamos com os mesmos passos dos pés e da cabeça.

Parece que o Parque da Jaqueira terá o seu nome: nada mais justo, mas, enquanto o caminhar burocrático não se concretiza, a praça continua sua. Você está nos sabiás, nos periquitos, nos canários, nos pica-paus, nas acácias, nas jaqueiras, nos jasmims, nos pombos, nos gaviões, nas embaúbas. Seu modo de andar era esquisito, ímpar, inesquecível. Difícil é imaginá-lo cochichando: sua voz tonitruava – você, na sua pluralidade, portava uma singularidade que saltava aos olhos.

Na Jaqueira, flores continuam nascendo, pássaros continuam cantando, crianças continuam brincando, velhos e moços lá fazem seus exercícios. “A realidade não precisa de mim”, disse o grande Fernando Pessoa, poeta tão recitado e comentado por nós. A Praça da Jaqueira é Praça da Jaqueira por sua causa. Não tivesse você dado ao Recife tão aprazível lugar, será que ali existiriam tantas flores, tantos pássaros, tantas pessoas caminhando os passos da vida?

Faz tempo, amigo Joaquim, que não vou à Jaqueira, assim como Evandro e Édson. Sei, no entanto, que Lula Malta continua acordando os caminhantes, com o “galo que traz na garganta”, como disse Marcus Accioly, meu irmão e seu amigo; Ítalo não consegue esconder aquele celular que contém mais informações e notícias que os outros; Carlos Bezerra Cavalcanti lançará um novo livro; Paulo Maranhão trará um Suape mais completo; Décio expôs mais uma produção literária; Adalberto Ribeiro, o nosso Adalbertovsky, publicou “Planeta Microbio”, deixando-nos à espera de novas publicações; Carlos Canto e Luís estão deixando seus clientes boquiabertos;





CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

Liberato vem ensinando a grandeza do ouvir. Será que Thomas Morus imaginaria a pousada de Jairo na sua Utopia? Joseval garante que a caixa de marcha de Campina agora está completa: colocaram a marcha a ré; Robin de Roy talvez pague a dívida de Maurício de Nassau que você tanto cobrava; Lúcio continua pintando, Belém não deixa de revelar seu sagrado nome; Fernando, o papa, foi ao Vaticano; Carlos Cabral está, com Ricardo, fazendo caminhadas pelos bairros; Theóphilo, nosso oftalmologista, propaga a visão mais ampla de todos; Vital tem ampliado as passadas; Marcone, parece, deixou um lado da rua; Sousa vem-se dedicando a agregar mais gente no coração; André Longo tem expulsado o corona vírus do estado, caçando-o, também, na Jaqueira; Fernando Toco continua com boa conversa, sem se apartar do feijão verde; Benjinha, meu primo, ratificando os princípios telúricos dos Moraes, tem sido o observador do “rio das capivaras” e das capivaras do rio. Também estou com saudades deles! Wílson, o “cabeça branca”, vizinho do nosso Roberto da Picanha, está na trilha do Baobá; Claudionor sentencia pitorescos anexins, provérbios, casos e “hestórias”; “Si vis pacem para bellum” não é o lema de Divanildo; Djaílson continua Cabrobó ou vice-versa. Adílson, nosso tão querido Adílson, também partiu. Procurei-o em Gravatá, mas não o encontrei. Disseram-me que ele estava com você e Aprígio. - Amigos, isso não se faz. Os que ficamos estamos sofrendo muito. Vocês representam um lugar, um tempo, um momento, uma vida - e a morte os leva? Ai de nós.

Camões e Dinamene pode ser mais uma estória envolvendo o rapsodo português. O poema camoniano, porém, verdadeiro e belo, nos diz em dois versos selecionados: “Se lá do assento etéreo onde subiste. Memória desta vida se consente...” As duas “vidas”, de lá e de cá, interagem? Se Camões tinha essa dúvida, há tanto tempo, com ela, a dúvida, estamos nós. O exíguo pensar humano com a limitação de tempo e espaço impede-nos de lucubrações maiores. Como será o céu? Nele, há tudo de bom, mas, para nós, trata-se de um bom que sentimos neste mundo sensível. O mundo inteligível é o mundo das ideias, das formas - será o céu? Agostinho desenvolveu esses pensamentos pagãos e antecristãos, dando-lhes a conotação reveladora de Cristo. É possível, Joaquim, que nesse assento etéreo a nossa pequenez humana seja esquecida. Jesus, falando de João Batista disse: “Eu vos afirmo que dentre os nascidos de mulher não há um ser humano maior do que João. Todavia, o menor no Reino de Deus é maior do que ele”. O mundo daí, amigo, apesar de hierarquizado - como falhos também somos na linguagem - não cabe na nossa dimensão terrena.





CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

Pode-se, pensando-se no Éden, associá-lo à Jaqueira? O Éden foi terreno. Nossos sentidos podem apreendê-lo. O Éden foi uma filial do Céu na Terra. O bem reinava no Éden, só o bem! Poucos são, na Jaqueira, os momentos menos bons, mas existem. No Éden, o mal dominou o bem. Os sentidos vivem, na Jaqueira, em conjunto, um momento que faz pensar em tudo ou em nada. Será isso a paz verdadeira? A alma da Jaqueira impregna a alma de todos. Trata-se do todo cuidando das partes. O panteísmo vê Deus em tudo e, verdadeiramente, em tudo está Deus. “A morte de um homem diminui o gênero humano” - talvez exista uma alma coletiva, um espírito de corpo, na Jaqueira. A humanidade é boa, mas o homem pode ser mau, principalmente quando se separa do bem e dos bons. “A humanidade caminha, mas o homem continua o mesmo”, afirma Goethe.

A morte, para os que cremos, não é o fim, Não seremos lançados no abismo do nada. Se o encontro com o nosso bom Deus o impede de me dar um telefonema, saiba você que não vou apartar-me do meu aparelho telefônico, pois, quem sabe, você, impulsivo, visionário, arrojado, caminhando pelos prados e campinas celestiais, encontrará um jardim, não tão perfeito, chamado de Praça da Jaqueira, mas que se chamará PRAÇA JOAQUIM FRANCISCO e, escondido atrás de uma baraúna, poderá dizer, após o meu alô: Nestor Accioly Cavalcanti - assim travaremos mais uma prosa.”

Dê-se ciência da decisão desta casa e do inteiro teor desta preposição aos seguinte destinatários:

- 1- Sra. Silvia Couceiro Cavalcanti - Praça Professor Fleming, nº 117, apto 601, Jaqueira, Recife/PE, CEP: 52.050-180.
- 2- Sr. Nestor Accioly - Rua Luís Guimarães, nº 310, Casa Forte, Recife/PE, CEP: 52.061-160.

JUSTIFICATIVA

O Requerimento, ora encaminhado à Mesa Diretora desta Casa Legislativa, visa deixar registrado em seus anais o artigo, acima transcrito, de autoria do Professor de Língua Portuguesa da Universidade Federal de





CÂMARA MUNICIPAL DO RECIFE

Estado de Pernambuco

GABINETE DO VEREADOR ALCIDES CARDOSO

Pernambuco (UFPE), Nestor Accioly, que escreveu uma fiel e merecida homenagem ao ex-governador de Pernambuco Joaquim Francisco, que veio a falecer no dia 3 de agosto do corrente ano.

Joaquim Francisco de Freitas Cavalcanti foi um advogado e político pernambucano que durante sua vida pública ocupou diversos cargos de notoriedade local e nacional - Governador do Estado de Pernambuco; Prefeito da Cidade do Recife, por dois mandatos; Ministro de Estado e Deputado Federal por quatro mandatos.

A vida pública dessa grande liderança pernambucana é de conhecimento de todos, mas sua vida privada, a sua relação com seus familiares e amigos, é pouco conhecida. No texto acima, o Professor Nestor Accioly, que era um grande amigo de Joaquim, conta um pouco de como ele era com os amigos, como eram as conversas, sobre o que ele falava durante suas rotineiras caminhadas no Parque da Jaqueira, e várias outras coisas.

Dito isso, o artigo acima é um relato informal e verídico de quem realmente era Joaquim Francisco longe dos holofotes da política e por isso o texto é uma merecida homenagem a um homem que fez parte da história de Recife e de Pernambuco, sempre lutando pelo povo recifense e pernambucano.

Por esses motivos supracitados, solicitamos aos Ilustres Pares, que compõem a Casa de José Mariano, o apoio na aprovação desta Proposição, que é mais um merecido reconhecimento ao Governador Joaquim Francisco que nos deixou em agosto deste ano.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Recife, 11 de novembro de 2021.

ALCIDES CARDOSO
Vereador - DEM

